

DULICA DOIS GRAUS A MAIS

DINAH

Sandra Lyon
ICB/Medicina

(Recado a Dolores do Val quando um dia o velho mundo a dois graus.)

: aconteceu do calor ali já pesar em graus, a febre que ardia mais e mais nas últimas horas. Juntando grau a grau, a ameaça de incendiar toda uma extensão ao redor, até o desaparecer provisório: no sono, pouco a pouco era pacificado.

Alguma coisa, hoje de manhã, ou outro dia que não se lembrava mais, parecia ter levado Dulica para longe, outros voos. O quarto se tornava pequeno no tempo, já não a cabia mais, ela, sua febre e seus voos sem asas. Os vidros de remédios enfileirados na ordem certa e desejada, os cobertores jogados de incômodos que se tornaram, tudo parecia se esvaziar do quarto. As paredes vinham apertando-a, cada vez mais perto, mais e mais no ar pesando quentura.

Um grau: foi quando o avião passou lá em cima, o voo puro, limpo e desenhado. Um ruído rouco, adormeceu a tarde nas dezoito horas daquele dia. Quis voltar, as pessoas cá embaixo engoliam ainda em seco a despedida. Quis, apoderada que foi de repente dos seus mundos e, cada vez mais, movia-se ágil e rápido o avião, rumo a outros espaços. Foi e só, ela.

No aeroporto ninguém à espera. Ficou ali parada sustentando a decepção, olhava e, olhando uma vez mais, presenciou-se só. Apenas os olhos espantados de medo, ela que

nem se importaria fossem outras épocas e, então ficaria ali parada mesmo numa felicidade tranquila. Quadro completo: a limpeza e elegância, que brotavam do ambiente, cansativas, tão limpas e elegantes eram. Uma descoberta puxava outra e o que não sabia era precisar na exatidão o mundo rodopiando ao seu redor, o fio da meada. Quase arriscou um palpite, mas limitou-se, apenas por algum tempo, a seguir as pessoas num indo e vindo, no sumir e aparecer súbito e renovado na quina da rua. Foi quando veio o menino vestido de marinheiro, dois olhinhos vivos e miúdos bloqueando o ambiente. Para onde ia? E, em gestos largos, ela pôs a explicar que só queria uma visão de coisas novas. Só a perspectiva de conhecer outros mundos, nem se importava que ruas, que praças. Só reviver queria. E partiram.

A criança que se tornou, — menininha deste tamanho assim — no domínio mágico da nova aventura. Na curiosidade mal contida, a cidade se abria palmo a palmo, casa a casa, ruas a fora. E, no ar, o gosto de gerânios acomodados em jardineiras às janelas, com suas variações, seus reflexos. De quando em quando, a torre da catedral mesquita vestia-lhe os olhos depois de ruas estreitas e silenciosas. E mais: só primavera.

Aconteceu de abrir pergaminhos, as fronteiras incomodavam-lhe sempre: queria tagarelar na manhã londrina ou parisiense, sabia lá. E gastava essa certeza quando o deixou ali: o seu passo não seria mais dependente do menino marinheiro. Deixou-o ali, na espuma do seu peso, a meio transeuntes. Agora: o mundo se desabrochando diante dela, assim em estado de graça. Nem olhar para trás quis: ele, os olhos feridos, tão lágrimas.

Daí em diante, pode navegar só caminhos novos, o desconhecido tornou-se uma geografia minguada. E veio o enfado porque todas as coisas e gentes cansam um dia para todas as pessoas. Foi quando a novidade amarelando, tão velha estava, que Dulica lembrou-se ainda meio distraída do menino marinheiro e sentiu o vazio que ameaçava invadir tudo. Hesitou pensativa na decisão a ser tomada e, na tímida convicção,



ticio Davis
72

iniciou a busca. Do ponto de partida, uma busca determinada varreu os cantos todos, seus instantes de eternidade.

E mais meio: a febre crescendo, e cresceu saindo do quarto aos tropeços. Quis um copo d'água e pediu por pedir, nem sabia se a sede a incomodava mais. E veio a água e a febre que retomava o ataque. Os pensamentos queriam se reorganizar na febre deixando de andar só dentro do quarto, vasculhando a casa toda. O calor tentava agarrar alguma coisa, sem saber precisar o que. Porta aberta de repente, ele saiu às ruas, tantas maravilhas se respingando lá fora. E com força maior levou Dulica tão alto que ela podia dizer da altura do sol.

E torres, podia escolher qualquer torre, tantas as torres no país dos diques. Na mágica estabilidade do alto, a tarefa de ver, suficientemente longa a visão para não querer ir mais além. E fantasia não havia nenhuma na paisagem, até que cortada por uma linha do horizonte. O menino marinheiro, que amava o mar, podia estar ali ao alcance de sua busca. Ele que gostava de mar e todos os marinheiros amam o mar, podia estar nas águas brilhando à luz do sol, intensa. Podia e até podia, só que o mundo inteiro o mar, tão água e sal, o mar. Então, largou a dúvida desse jeito, do tamanho dos trilhos da estrada de ferro que se perdiam onde o horizonte se perdia. E lá começava a fantasia. “Estradas de ferro vão deixar de existir, um dia”. Foi explicando “Existem máquinas mais velozes, máquinas que não engatinham em trilhos”. Naquele tempo, ela quase compreendeu quando ele falou e, agora, procurava não compreender, nem queria: eram como fios de prata, os trilhos das estradas de ferro de lá, o alto da torre. E a certeza do vento vinha na terra dos diques, quando os cataventos de bronze dardejavam sobre os campanários. Era trazido pelo vento, o menino de vestes brancas e azuis, da brancura dos barcos, assim, ao longe, misturados às árvores. Barcos e árvores, juntos, incomodavam a sua visão porque os canais teimam até hoje em ser mais altos que os campos circundantes, quem acreditaria.

Nem acreditar quis quando Volendam riscou-lhe as pálpebras. Foi assim, nem sabia explicar: a brancura dos barquinhos deu lugar a velas vermelhas, milhares. Vermelhas e silenciosas como borboletas. Com o passar do tempo, pode compreender, quase descoberta, Volendam não existe mesmo, porque é a cidade dos contos de fadas. E já não há lugar para contos de fadas hoje em dia. São suas casinhas de madeiras, as cortinas de renda que, de janela em janela, costuram beleza aos retalhos, janela a janela.

Dois graus: o Sena corria encurvado na idade e se perdia onde a vista se perdia. Dulica acompanhando-lhe as margens num sorriso esboçado e sem saber porque. No ar só o gosto dessa estranha estação, as cores que lhe punha nos olhos. Era de manhã e ela perguntou ainda se o velho, que costumava ficar por ali, havia visto o menino marinheiro. Assim: olhos miúdos de marinheiro que sonda o horizonte, a roupa branca da marinha mesmo, os seus azuis. “Meninos marinheiros só existem em álbuns de retratos de família”, adiantou o velho. Depois os meninos crescem e morrem e, da vida, sobram pequenas lembranças emoldurando o desbotado da fotografia. E não existia mesmo, podia acreditar e, foi falando empolgado e olhava cúmplice para o rio à medida que ia falando. Ela viu logo, a compreensão calada, rio e velho, o arqueamento tentando desembaraçar as estradas caminhadas, inútil, inútil.

Indiferente às suas buscas, o rio ia cortando a cidade em duas e, de repente, abraçava Cité e St. Louis, a meio Sena. Dulica, pisando-lhe os braços, alcançou uma das ilhas, ali pombos esperavam migalhas de pão. Foi fácil conversar com eles e, num só coro, puseram a explicar que, há dois dias atrás, o menino estivera ali. Quis saber mais alguma coisa, a sua penúltima ilusão, mas eles voltaram todos às migalhas novamente, a sua quietude de sempre. Fora devagar, a outra margem. E, se à tardinha o sol ameaçava se por, ela esperava o retorno das pessoas às casas. Ofício de tanto tempo, passar às padarias pela tarde, o pão novo, desembrulhado debaixo do braço. A cidade inteira cumpria o mesmo rito e nunca acon-

teceu-lhe ver o menino marinheiro. Só tardes e manhãs estrangeiras, o céu, tulipas e a torre calcando o horizonte.

Agora: não queria se render e acabou se rendendo. O ar já não pesava tanta quentura, concentrando apenas numa mão firme sobre a testa. Foi a chegada: tudo se resumindo novamente nas paredes a sua volta, numa lucidez que não poderia deixar escapar. Estava ali, tudo num compasso certo, as coisas ainda paradas esperando por ela, quase a vida toda. E a História voltaria a desenrolar secular: as primeiras aulas segredariam o compasso, amanhã pela manhã. As lembranças, imagens coloridas pouco a pouco se desembaralhando na memória que se organizava, coisas e gentes que tinham existido, mesmo que na sua cabeça somente. Ora, Dulica, a febre da primavera.